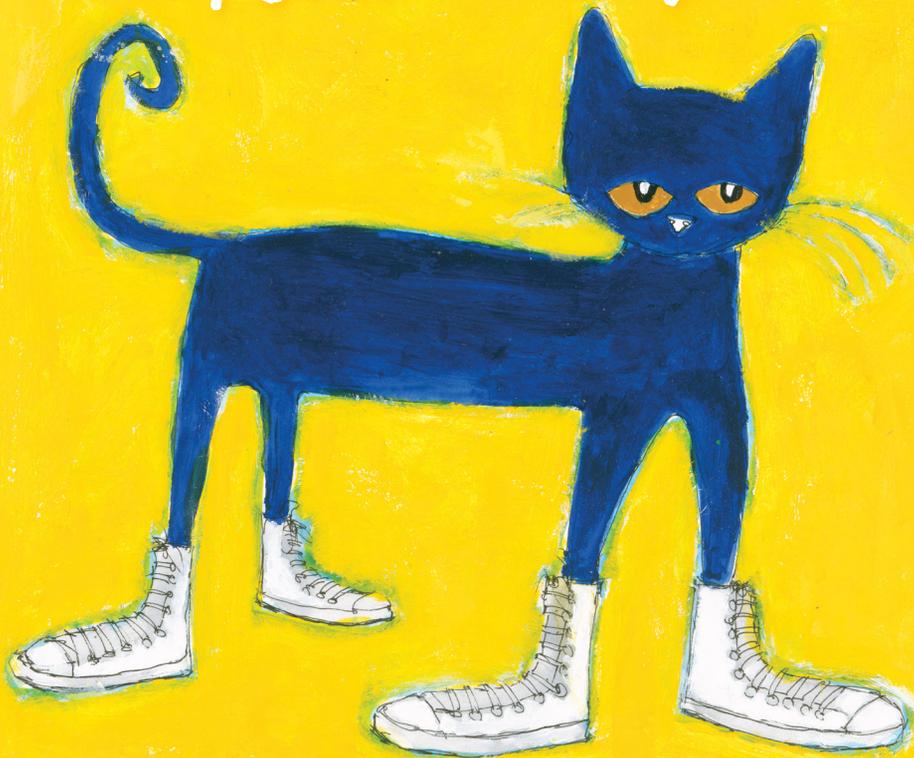


MATERIAL DIGITAL DO
LIVRO DO PROFESSOR

O Gato Pete

Eu amo meu
tênis branquinho



Arte de James Dean
História de Eric Litwin
Tradução de Érico Assis

LIVRO DO
PROFESSOR



EQUIPE PEDAGÓGICA:
REBECA ALBUQUERQUE
E ALINE MATOS DE AMORIM



código do livro
PD LP 000 204 - 0365
P22 02 02 000 000

FICHA TÉCNICA

Todos os direitos desta publicação são reservados à Vida Melhor Editora Ltda. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Título: O gato Pete – Eu amo meu tênis branquinho

Ano: 2021

Edição: 1ª Edição

Autor: James Dean

Ilustrador: Eric Litwin

Tradutor: Érico Assis

Editora: Vida Melhor Editora Ltda.

Gênero literário: Quotidiano de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais)

Temas: Narrativos: fábulas originais, da literatura universal e da tradição popular, etc.

Categoria: Creche II

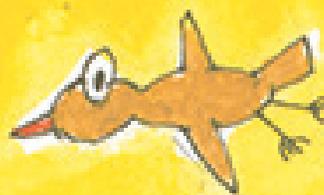
Autoria do Material Digital do Professor: Rebeca Albuquerque e Aline Matos de Amorim

Vida Melhor Editora Ltda

Estrada do Rosário, 135, lote 31 quadra 5, Jardim Primavera,
Duque de Caxias/RJ, CEP: 25.215-365

SUMÁRIO

- I — De professor para professor **4**
(Uma carta para dialogar com a professora ou o professor)
- II — História, pra que te quero? **5**
(Teoria literária)
- III — Conhecendo um mundo de histórias **7**
(Contexto dos autores)
- IV — Vem que eu leio uma história! **9**
(Estratégias de interação verbal)
- V — Ouvindo, vendo e vivendo a história **13**
(Leitura dialogada)
- VI — A história e seus múltiplos campos de experiência **18**
(Modelagem da aula)
- VII — Conta de novo: uma história de afetos em família **22**
(Literacia familiar)
- VIII — Para fecharmos a roda com referências bibliográficas **25**
- IX — Para (não) concluir: leituras complementares **27**



I — DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

(UMA CARTA PARA DIALOGAR COM
A PROFESSORA OU O PROFESSOR)

Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.

A educação é a única solução.

Malala Yousafzai

Professora, professor,

Nossa caminhada colorida está prestes a começar. Separe seu tênis branquinho, mas não fique triste se, no meio do caminho, surgirem alguns percalços e ele mudar de cor. Siga em frente, porque, se trabalharmos juntos, ficará “tudo de boa!”.

Nossa maior alegria é possibilitar que crianças bem pequenas, já imersas em uma cultura letrada, possam desenvolver múltiplas habilidades e outras linguagens, por meio de histórias como a que vamos ler: *O gato Pete – Eu amo meu tênis branquinho*, de Eric Litwin e James Dean. Ao longo da jornada de nosso amigo Pete, vamos criar nossas próprias aventuras, igualmente divertidas.

Antes de começarmos, é importante ressaltar que as crianças já trazem em si, desde bebês, a capacidade de se comunicar com o mundo: o choro, os balbucios, as palavrinhas pequenas que elas aprendem no convívio familiar, as expressões faciais, os movimentos corporais... **Expressar-se** é um direito fundamental da primeira infância, aliado a **conviver**, a **brincar**, a **participar**, a **explorar** e a **conhecer-se** (BRASIL, 2018, p. 38), que precisam ser garantidos por nós.

Portanto, ao propormos desenvolver com vocês atividades de leitura, estamos assegurando nosso compromisso de ver a criança em sua integralidade, reforçado pelo forte papel que a literatura desempenha. Partindo desse princípio, desenvolvemos, nas seções deste material digital, visões teóricas e ações pedagógicas a respeito do letramento literário infantil, considerando os direitos de aprendizagem e o novo arranjo curricular estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De forma leve e fluida, assim como a relação de Pete com seu tênis novo, nós também queremos convidar vocês, professores, para conversarmos e, junto às crianças bem pequenas, construirmos um mundo de interações e brincadeiras, por meio da leitura literária. Então, vamos nessa?



II — HISTÓRIA, PRA QUE TE QUERO?

(TEORIA LITERÁRIA)

Vocês já devem ter ouvido falar que o colo dos pais dá confiança e suscita emoções. Mais do que esses sentimentos, é por meio do ambiente familiar, das vozes dos adultos que as crianças se inserem no mundo da literatura. As cantigas de ninar, as de roda, “a imaginação criadora e a exploração sonora e semântica próprias das brincadeiras infantis se misturam à descoberta do mundo e com ela se confundem” (MACHADO, 2011). É nas diversas experiências “socialmente lúdicas” que as crianças percebem a vida em todas as suas facetas. Uma dessas vivências é o contato com a leitura literária, seja ela oralizada, seja por meio da escrita formal.

Conforme Machado (2011) explicita, “se aprende a gostar de histórias inicialmente pela voz do adulto, leitor já conhecedor de repertórios de textos ficcionais e poéticos”, nos mais diversos suportes. Se no ambiente doméstico as práticas de leitura não são institucionalizadas, é por meio da instituição de Educação Infantil que esse primeiro contato se dá. Portanto, é crucial entender como esse processo funciona e como ele pode ser desenvolvido por professores, com o apoio da família, visto que, “para potencializar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, a prática do **diálogo** e o **compartilhamento de responsabilidades** entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais” (BRASIL, 2018, grifos nossos).

Todas as vivências da criança são refletidas nos textos, por seu **caráter imaginativo** próprio. Arelada à imaginação, temos a **fantasia** como recurso simbólico na e da linguagem, por isso a aproximação das crianças com os contos de fadas.

Os textos que refletem tais narrativas precisam, além dessas características, ter um cuidado especial com a linguagem escrita e a imagem. Segundo Heck (2008, p. 24), sem dúvidas “a imagem é fundamental nos textos de literatura infantil e, além disso, possui uma função especial que é de complementar o texto escrito. As imagens devem revelar ‘algo mais’ e não simplesmente reproduzir o texto”. As figuras sonoras apoiadas na linguagem mais próxima do oral também são recursos bastante utilizados por livros infantis.

No livro *O gato Pete – Eu amo meu tênis branquinho*, é possível notar essas características: o uso da imagem do gato, animal com laços afetivos já construídos pelas crianças, ao ser conhecido por sua docilidade; a representação carinhosa estabelecida entre o gato Pete e o tênis branquinho; a música cantada pelo protagonista, com vocabulário lúdico próximo ao que as crianças bem pequenas



usam, além de repetições e pontuações que tornam a leitura do adulto espontânea e descomplicada, deixando correr a imaginação e a fantasia de todos os envolvidos na e pela leitura.

Cabe ressaltar que o contato com o texto literário é parte do processo de letramento da criança, mas a orientação pedagógica dada a partir dele é de suma importância para a formação de futuros leitores.

III — CONHECENDO UM MUNDO DE HISTÓRIAS

(CONTEXTO DOS AUTORES)

“O que Pete faria se...?” É com essa pergunta que muitos professores tentam ajudar as crianças a buscar soluções para os conflitos existentes no contexto infantil. Nosso esperto gatinho foi criado há quase vinte anos pelo casal James e Kimberly Dean. Antes de se tornar protagonista de histórias, Pete já havia sido ilustrado por James ao longo de sua trajetória como artista, porém suas imagens eram destinadas ao público adulto.

Os criadores de Pete tinham outras profissões: James era engenheiro elétrico e Kimberly, assessora de governo. Mas, inspirado por seu pai, James decidiu adentrar no mundo artístico, e sua esposa embarcou com ele. O amor de James por seu gato de estimação fez surgir a ideia para criar uma história leve e divertida, mas, diferente de seu animalzinho real, o artista decidiu pintá-lo de azul, aproximando, dessa forma, o personagem ao mundo da fantasia.

Para ajudar Kimberly e James, o cantor Eric Litwin, que já era fã de Pete, juntou-se à dupla e escreveu uma música sobre o personagem. Foi essa canção que deu origem ao primeiro livro ilustrado do casal. Juntos, eles foram premiados pelo *The New York Times* e já publicaram uma série de histórias divertidas sobre Pete.

Eric Litwin é guitarrista e ama misturar músicas e histórias divertidas. Além disso, suas canções são simples e fluidas, pensadas para o público infantil. O caráter folclórico também é retomado em algumas canções e, conseqüentemente, em alguns textos. O livro *O gato Pete – Eu amo meu tênis branquinho* é exemplo claro disso, com versos simples e poucas alterações, o que garante a aprendizagem e o divertimento das crianças bem pequenas.



↑ À esquerda, Kimberly Dean. À direita, James Dean.



Eric Litwin. →

Com as publicações do gato Pete, Eric tornou-se um parceiro frequente de James e Kimberly. Dessa forma, muitos outros personagens foram surgindo e compondo a turma de amigos do gatinho, com os quais ele vivencia muitas aventuras e, principalmente, passa por diversas experiências que fornecem lições valiosas às crianças.

Conhecendo um pouquinho mais dos nossos escritores/ilustradores e do nosso protagonista, parece que ainda vamos ler e ver muita diversão do gato Pete, além de cantar e dançar com toda a turma, não é mesmo?

IV — VEM QUE EU LEIO UMA HISTÓRIA!

(ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO VERBAL)

Ler não é um ato automático. É preciso estabelecer relações entre o livro, o sujeito que lê e aquele que faz a mediação da leitura, os quais estão imersos em contextos históricos, sociais e culturais determinados. Portanto, são muitas as reflexões e ponderações que precisam ser realizadas antes e durante o letramento literário, constituindo o que chamamos de **cultura leitora**.

Como sugere a BNCC, há dois eixos que estruturam a Educação Infantil: as **interações** e a **brincadeira**. Nesse sentido, é preciso estabelecer com as crianças trocas constantes de experiências e emoções. Para que esse compartilhamento seja profícuo, há estratégias lúdicas que podem (e necessitam) ser desenvolvidas para qualificar o momento da leitura, deixando-o o mais divertido possível.

Aqui, professores, sugerimos algumas ações, mas é no cotidiano e nas inter-relações que essas estratégias se constituem e impõem-se como práticas sociais:

PREPARAÇÃO PARA AS ATIVIDADES

- ▶ Observe o grupo de crianças bem pequenas com o qual você se relaciona: de onde elas vêm? Como é o cotidiano delas? Passam o dia na instituição de Educação Infantil ou somente um turno? Quem as acompanha?
- ▶ Observe como o grupo de crianças bem pequenas se organiza: elas são muito próximas? Elas se reconhecem? Como compartilham experiências? Como se expressam? Que músicas gostam de ouvir?

Essas informações são de extrema importância e precisam ser documentadas, uma vez que as crianças são agentes ativos no processo de letramento. Elas precisam ser respeitadas não só coletivamente, enquanto grupo infantil, mas também em suas individualidades, o que influencia na seleção dos livros.

ANTES DA LEITURA

- ▶ É preciso organizar-se no espaço e despertar o interesse das crianças, para estabelecer a leitura de *O gato Pete – Eu amo meu tênis branquinho*.
- ▶ Pode-se convidá-las a se sentarem no chão, em tapetes e/ou colchonetes (ou da forma que se sentirem mais confortáveis).
- ▶ Como forma de iniciar a atividade, utilize pandeiro, tambor, ou algum instrumento musical, para que as crianças internalizem as atividades de

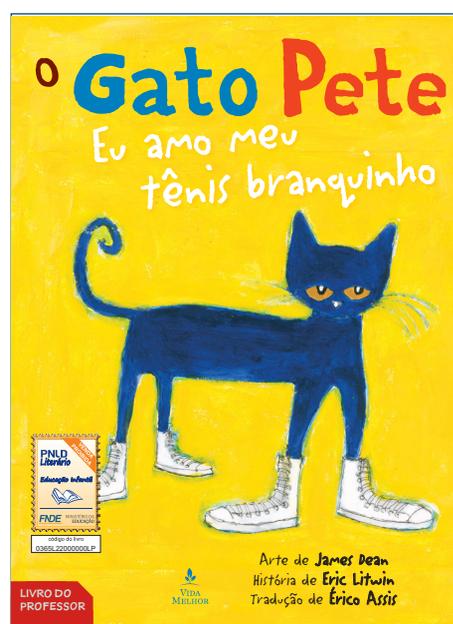


leitura como lúdicas. Pode-se cantar/declamar alguns versos que anunciem a “chegada triunfal” da leitura.

DURANTE A LEITURA

- ▶ O cuidado com as expressões corporais que emanam desse momento é fundamental. Os professores são os **referenciais de leitura** das crianças bem pequenas, portanto é preciso espelhar isso durante o processo.
- ▶ Falar muito alto nem sempre é o melhor caminho. Fazer-se escutar pelas crianças depende muito mais do comportamento do professor-leitor frente ao texto do que da necessidade de gritar para “atingir” a todos. Torne o ambiente tranquilo! Os estímulos sensoriais precisam ser pensados com calma, no tempo e intensidade certos, uma vez que é necessário respeitar o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças bem pequenas.
- ▶ Explore o que está “do lado de fora”: capa e título são imprescindíveis para seduzir leitores. Deixá-los curiosos é uma estratégia eficaz para garantir a atenção da garotada. Pode-se, por exemplo, perguntar: Crianças, quem é o nosso personagem? O que ele é e por que vocês estão afirmando isso? Quem tem um bichinho em casa? Durante o diálogo, expressões confirmativas de alegria ou mais indagações (Como será? Todo mundo acha isso? Por que você disse isso?) são igualmente importantes.
- ▶ Leia devagar, pronunciando as palavras corretamente, e faça pausas intencionais¹ para olhar a turma com expressividade (aperte ou arregale os olhos, abra a boca...).

Exponha seu ponto de vista e pergunte para as crianças o que elas pensam a respeito... Elas já são agentes de leitura, e suas opiniões, mesmo que ainda não muito bem articuladas verbalmente, precisam ser levadas em consideração. Mas não demore muito, para não perder o fio da meada! Explore a repetição de cenas utilizadas no livro, característica lúdica e literária importante para crianças bem pequenas. Vejamos esta:



1. As pausas são uma estratégia de leitura importante e precisam ser avaliadas. Para tanto, é necessário estudar o livro com antecedência e agir com objetivos pedagógicos claros, analisando qual o melhor momento de parar. Para além disso, é necessário sentir o comportamento do grupo de crianças ao longo da narrativa e, se preciso, mudar as pausas, acelerando (ou não) a leitura.



A situação acima retratada vai se repetir ao longo da história, com a troca de cores (primeiro o branco, depois o vermelho, depois o azul, em seguida o marrom e, por fim, novamente o branco), mostrando qual a reação de Pete diante da situação da qual ele não tem controle. Essa reiteração pode ser enfatizada pelo professor que conduz a leitura, em suas expressões faciais e teatralização (transformando a reincidência em uma situação cômica ou triste).

- ▶ Crie novos e vários tons de voz, representando as diferentes situações (voz falhada, fina, grossa, alta, baixa...), adequando os sentimentos à voz escolhida.
- ▶ Movimente-se: use a extensão dos braços, aponte para o livro, reproduza gestos e expressões faciais... A criança precisa viver e sentir a história.
- ▶ Acrescente ou retire vocábulos do livro, para acelerar a narrativa ou para deixá-la mais convidativa. As onomatopeias também aparecem na história, embora com menor frequência (som do tênis molhado durante o andar de Pete), e podem ser lidas e teatralizadas.



Na figura acima, podemos conferir o momento em que o gato Pete anda e produz o som, o que é uma excelente oportunidade para reproduzi-lo com as crianças, engajando-as mais fortemente na leitura. Imitações também podem ser interessantes para alegrar o momento.

- ▶ Não se preocupe se algumas crianças bem pequenas não estiverem focadas em você, professor. É muito comum que elas desenvolvam atividades paralelas ou desviem o olhar enquanto escutam as histórias (desenhar, olhar para os coleguinhas etc.) e andem pelo espaço, observando o ambiente.
- ▶ Algumas crianças tentam interagir com os adultos e com outras crianças durante a história ou tentam pegar e apontar para o livro nas mãos do professor. Aproveite esses momentos de interação para aproximá-las da obra, fazendo perguntas e deixando-as construir vínculos afetivos.
- ▶ O uso de acessórios para essa faixa etária pode atrair o olhar da criança: ursos de pelúcia, bonecos ou fantoches para representar os personagens pode ser uma escolha frutífera. Deixe-as pegarem os acessórios, para manter a inter-relação com a história.

Além dessas estratégias, existem muitos outros métodos que contribuem para o processo de leitura das crianças, mas eles podem ser edificados ao longo do processo.

V — OUVINDO, VENDO E VIVENDO A HISTÓRIA

(LEITURA DIALOGADA)

HISTÓRIAS CRUZADAS: A IMERSÃO DAS CRIANÇAS NA LEITURA E NA ESCRITA

Professor, você percebeu, pelas estratégias acima, que as crianças estão constantemente imersas em contextos de leitura e de escrita. As práticas retratadas estimulam o “desenvolvimento da linguagem oral e da literacia emergente na educação infantil” (BRASIL, 2019, p. 52), mas também são mote para a construção e a promoção de inúmeras atividades que mobilizem aspectos linguísticos em contextos de aprendizagem lúdicos que respeitem os eixos estruturantes da primeira etapa da Educação Básica: as interações e a brincadeira.

Nesse sentido, como afirma o PNA (BRASIL, 2019),

[...] a criança é introduzida em diferentes práticas de linguagem oral e escrita, ouve histórias lidas e contadas, canta quadrinhas, recita poemas e parlendas, familiariza-se com materiais impressos (livros, revistas e jornais), reconhece algumas das letras, seus nomes e sons, tenta representá-las por escrito, identifica sinais gráficos ao seu redor, entre outras atividades de maior ou menor complexidade. (BRASIL, 2019, p. 22)

Essas práticas, promovidas pela escola, com intencionalidade educativa, facilitam a aquisição da linguagem e harmonizam a transição entre as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. A leitura e a contação de histórias precisa ser uma constante na vida das crianças e não um aspecto pontual do planejamento didático.

Na seção posterior, você, professor, poderá compreender melhor como essa concepção de leitura e de escrita se dá na primeira infância, a partir do arranjo curricular por campos de experiências.

Que histórias se ligam à nossa? Do que as crianças se lembram durante a história? É muito comum que, durante o processo de leitura, as crianças busquem integrar umas com as outras, contando novas histórias. Essa situação é gerada porque, durante a leitura, há um resgate de situações vividas que precisam ser expressadas.



A voz da criança é uma referência para dar continuidade ao processo, pois reflete os conhecimentos prévios estabelecidos por ela, por meio de suas experiências. Ao contá-las, ela não só está revivendo um momento como também está criando laços afetivos com a leitura, com os sujeitos envolvidos, com o instrumento “livro”, com o momento...

Os vínculos são externalizados para serem fortificados. Nesse sentido, a voz da criança

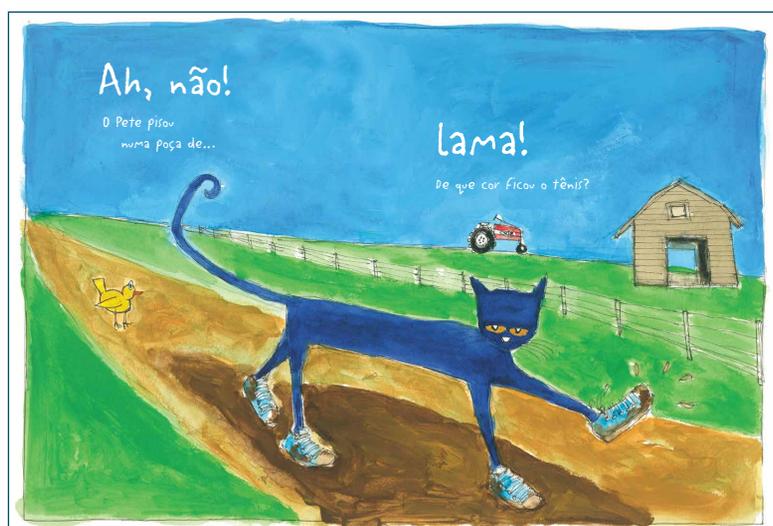
e, conseqüentemente, a escuta atenta e empática do professor não podem ser negligenciadas. É preciso manter o diálogo com a turma, reforçando os laços construídos e voltando ao momento de partida. A participação não pode ser vista como uma quebra de raciocínio, mas como uma janela para o lúdico, e é preciso saber aproveitá-la.

Na história contada, por exemplo, é provável que as crianças se lembrem de momentos em que calçaram seus tênis limpinhos, porém, durante alguma brincadeira ou caminhada com os familiares, os sapatos tenham se sujado.

De posse dessas probabilidades, pode-se explorar o sentimento de frustração, de raiva, de surpresa, entre outros, perguntando como as crianças se sentiram. O diálogo pode ser incentivado, de modo que o texto volte à tona. Fazer perguntas pode estimular a participação das crianças, resgatando as experiências vividas e, ao mesmo tempo, relacionando-as à narração. As competências socioemocionais podem e devem ser exploradas por meio das imagens. Vejamos as imagens:

Pode-se mostrar como o personagem está feliz e satisfeito por estar com um tênis “novinho em folha” e bem branquinho. É possível explorar também o fato de ele estar com um instrumento musical nas mãos, além de aparecer um balão de pensamento contendo o desenho de um coração e seu tênis ao lado.





Além desses sentimentos de alegria, felicidade e tranquilidade, pode-se questionar o sentimento de frustração ou chateação, uma vez que o gato suja seu tênis em diversas situações (em uma montanha de morangos, de mirtilos, numa poça de lama e numa bacia com água). Assim como antes, é essencial traçar relações com as imagens, mas de forma simples, perguntando como as crianças se sentiriam se também passassem por esses contextos. Pode-se perguntar por qual motivo o gato Pete não chorou e refletir sobre essa reação frente às situações cotidianas (Será que quando choramos conseguimos resolver nossos problemas?).



Quando vocês, professores, apontarem para a cena acima, podem perguntar às crianças: Vocês acham que o gato Pete está feliz? O que significa dizer “massa!”? Por que vocês acham que o gato falou isso?

Pode-se imitar uma topada ou outra situação nem sempre controlada pelas crianças (como ter de esperar o horário do lanche, esperar a vez na brincadeira, como não poder dormir tarde...). É possível perguntar: Quando a gente cai, como

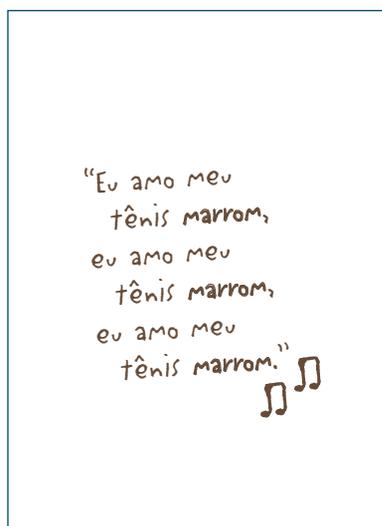
se sente? Batam os pés no chão, cruzem os braços, imitem o choro da criança, mas sem ironizar ou dizer que ela não pode realizar essas ações. O objetivo não é podar as atitudes das crianças, mas promover um momento de reflexão, para que percebam se, com essas ações, elas alcançam os resultados esperados. É importante, em seguida, teatralizar reações positivas a essas situações.

Algumas cenas que se repetem devem ser evidenciadas:



Elas retomam a cena do choro e, para cada uma, a reação do gato: “Tudo de boa!” (p. 13), “Massa!” (p. 19), “Maneiro!” (p. 25), “Rock’n’roll!” (p. 31). Para cada uma delas, posteriormente, a história traz outro elemento que faz as crianças perceberem quanto as novas cores podem ser legais: para o vermelho, um carro da mesma cor; para o azul, um guarda-chuva (além da cor do próprio gato e da cor que, normalmente, representamos a água); para o marrom, uma xícara com café; para o branco, além do tênis branquinho de novo, um instrumento musical: um banjo, da mesma cor. Esses elementos novos aproximam as crianças bem pequenas de outras situações cotidianas para o reconhecimento das cores.

Outras opções de cenas que podem ser trabalhadas no momento da leitura são as que fazem referência à música cantada por Pete, com trocas simples de expressões, correspondentes às cores:



Em todas elas os nomes das cores estão marcados, a disposição do texto é em versos, as cores correspondem à situação vivida pelo gato e as duas colcheias conectadas a um raio (♫) representam o recurso musical. Cada professor pode se valer dessa estrutura para, no lugar de ler, cantar os trechos correspondentes, convidando as crianças para acompanhar, em uníssono. É possível, inclusive, aproveitar o momento para brincar com a cor dos sapatos das crianças no momento da leitura.

O que apresentamos aqui são recursos que podem auxiliar os professores no contexto da leitura com as crianças bem pequenas. Sugerimos, porém, cautela no uso de todos. Estude a turma para a qual lerá a história e adapte o que achar necessário.

VI — A HISTÓRIA E SEUS MÚLTIPLOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

(MODELAGEM DA AULA)

Ah... como é bom ouvir e contar histórias! Fazemos isso desde a mais tenra idade, por meio de inúmeras formas de expressão, mas é na creche e na pré-escola que o mundo se abre para a leitura e para a escrita institucionalizada. A escuta e a contação são meios pelos quais as crianças ampliam seu vocabulário, interagem mais facilmente com os colegas — de faixa etária igual ou diferente — e com adultos, desenvolvem a imaginação, a criatividade, perdem a timidez, entendem e expressam sentimentos.

Essa relação com as histórias precisa ser mediada de forma intencional por alguém que seja não somente um leitor experiente, mas, em especial, que perceba as possibilidades pedagógicas do trabalho com a literatura, ou seja, os professores. Desde a seleção dos textos, considerando a realidade das crianças, passando pelo que elas já conhecem e o que revelam de seus conhecimentos, até a faixa etária e o nível de maturidade e de cognição da turma, precisam ser cuidadosamente pensados.

Nesse sentido, as crianças precisam ser vistas como agentes do processo de leitura,

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social **não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo** (BRASIL, 2018, p. 38, grifo nosso).

Desse modo, é necessário **intencionalidade educativa**, a qual precisa respeitar as singularidades do processo de aprendizagem das crianças. Ao contar histórias, o professor precisa estudá-las previamente: como é possível criar um momento de leitura no espaço educativo? Como mostrar o livro? Como as crianças podem recebê-lo e como os docentes precisam se portar? Que experiências podem promover para que as crianças vivenciem situações diversas? Quais objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento fundamentam suas práticas pedagógicas?

São muitas as indagações que precisam ser feitas pelos mediadores de leitura, e elas precisam estar claras no processo de leitura. A BNCC, por exemplo,



explica que é nas interações com os adultos que as crianças desenvolvem “um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista” (BRASIL, 2018, p. 40); que é no contato e no convívio com as diferentes expressões culturais (a literatura, a música, a dança, o teatro etc.) que elas criam **suas próprias produções artísticas ou culturais**, desenvolvendo outras formas de expressão e outras linguagens; que é na escuta ativa e na oralidade que as crianças se constituem “ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social” (BRASIL, 2018, p. 42).

Para além da intencionalidade pedagógica durante o processo de leitura, é preciso pensar no **que se lê**, ou seja, no texto propriamente dito, e em **como se lê**. Para nossa missão, trazemos um livro muito próximo das vivências das crianças bem pequenas: a história de um gato que adora seu tênis novo e branquinho.

Para contar essa história, ressaltamos, no início deste material digital, a criação de um ambiente lúdico e confortável para as crianças, a fim de que elas compartilhem “os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos” (EI02EO03) e comuniquem-se “com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender” (EI02EO04), referentes ao campo de experiência **O eu, o outro e o nós**.

Durante a leitura, conforme Pete suja seu tênis, é possível estimular a apropriação “de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras” (EI02CG01), por meio da repetição enfática da cena, dentro do campo **Corpo, gestos e movimentos**. Depois de cada situação com uma cor, o gato sempre canta uma música. Favorecer a criação de “sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música” (EI02TS01) é produtivo, uma vez que também promove a aproximação com aspectos sonoros e arte, no sentido amplo da palavra. Nesse sentido, seguindo dentro do mesmo campo de experiência — **Traços, sons, cores e formas** —, é possível incentivar o uso de “diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias” (EI02TS03), antes, durante e após a leitura.

No contexto da leitura, o campo **Escuta, fala, pensamento e imaginação** destaca-se, uma vez que se fundem vários objetivos de aprendizagem dentro de uma experiência. Elencamos aqui alguns que podem auxiliar o professor a (re)ver e planejar sua prática pedagógica: **EI02EF03**, **EI02EF04**, **EI02EF05** e **EI02EF08**.

Tais objetivos estão presentes intensamente nas ações promovidas antes e durante a leitura, desde a construção do espaço, posicionando as crianças de forma confortável, passando pela observação da capa e das indagações iniciais, até a leitura da narrativa e a compreensão das ações dos personagens.

Por meio do campo **Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**, o uso de acessórios, como dito, pode propiciar a exploração e a descrição

de “semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho)” (EI02ET01), quando da comparação entre o morango e o mirtilo. É interessante escolher acessórios adequados à história que vai ser contada e associada ao mundo real. Nesse sentido, pode-se utilizar, também, bolinhas de papel pintadas de vermelho ou azul para, juntas, formarem uma “montanha” de morangos ou de mirtilos.

Além do objetivo acima, pode-se despertar a identificação de “relações espaciais (dentro e fora, em cima, embaixo, acima, abaixo, entre e do lado) e temporais (antes, durante e depois)” (EI02ET04), ao mostrar as ações que acontecem **depois** que Pete calça o tênis: pisar em cima dos morangos, dentro da poça ou da bacia, o que evidenciaria aspectos da vida em sociedade e da cultura em que as crianças estão imersas.

Considerando os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento acima, percebemos que a leitura dialogada e as estratégias de interações verbais propiciadas nas seções anteriores se coadunam ao arranjo curricular proposto pela BNCC. Ressaltamos, porém, que essas relações não são as únicas que podem ser feitas no seio do processo de letramento literário. Em todas as atividades desenvolvidas com e pelas crianças, todos os campos de experiência estão, de algum modo, mobilizados. Os campos de experiências e os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento emergem das práticas pedagógicas, de acordo com a intencionalidade educativa do professor. Dessa forma, a documentação pedagógica deve ser realizada considerando a indissociabilidade dos campos, embora alguns se evidenciem momentaneamente. Por exemplo:

ATIVIDADE: REFRESCANDO COM MORANGOS!

Habilidades da BNCC mobilizadas:

O eu, o outro e o nós: EI02EO03, EI02EO04, EI02EO06.

Corpo, gestos e movimento: EI02CG01, EI02CG02.

Escuta, fala, pensamento e imaginação: EI02EF01, EI02EF05, EI02EF06.

Traços, tempos, quantidades, relações e transformações: EI02TS02.

Saberes

Expressão corporal, expressão oral, percepção sensorial, literatura e jogos simbólicos.

- ▶ Após a leitura do livro com as crianças, pode-se combinar com as famílias um dia para todos cozinharemos na escola. Em conjunto e com trajes próprios para o momento, podem criar um espaço lúdico, com materiais

de cozinha apropriados para a receita de picolé de morangos: morangos frescos, água de coco, forminhas de picolé – ou copinhos de plástico e palitos.

- ▶ Os professores podem organizar esse momento com música de fundo, mesas juntas, pois remetem ao contexto familiar, integrando pais, mães, tios...
- ▶ O momento de preparação do picolé deve envolver diretamente as crianças (sob observação direta dos adultos presentes), visto que elas precisam entender o contrato social existente na situação em que estão inseridas. É o momento ideal para relembrar a história contada antes, estimulando suas memórias e imaginações, bem como relacionar a ação e sentimento dos personagens ao das crianças.
- ▶ Essa atividade pode ser realizada no início do turno. Os picolés vão para o *freezer* e, ao final do turno, quando as crianças estiverem indo para casa, podem levá-los.

Essa sequência de ações mobiliza um sem-número de campos e objetivos, que podem ser registrados e documentados pelos professores. Não pretendemos, neste material digital, engessar as práticas pedagógicas, mas sim contribuir para a reflexão e a sistematização das atividades a serem desenvolvidas por vocês, docentes, bem como favorecer a elaboração de novas práticas, levando em conta a realidade de cada grupo de crianças.

VII — CONTA DE NOVO: UMA HISTÓRIA DE AFETOS EM FAMÍLIA (LITERACIA FAMILIAR)

A afetividade familiar é, sem dúvida, mola propulsora para a garantia dos direitos de aprendizagem das crianças. Unidos à instituição de Educação Infantil, mães, pais, avós, tios e tias podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. É imprescindível, então, que a família se alie no desenvolvimento de atividades de leitura, visto que, nesse processo, as crianças tendem a ampliar o vocabulário, a reconhecer no outro e em si mesmas hábitos significativos de leitura e de escrita espontânea.

As práticas desenvolvidas no seio familiar precisam ser bem direcionadas e cuidadosamente pensadas pelos professores, no sentido de respeitar as diferentes organizações familiares e a imersão delas nas mais diversas culturas. Ressaltamos que não cabe aqui a transmissão da responsabilidade pedagógica à família. Defendemos, nesse cenário, que a leitura do mundo se inicia ainda em âmbito doméstico, nos primeiros olhares entre os pais e a criança, nas birras, nos diálogos embrionários entre a criança e os irmãos, por exemplo.

Nesse sentido, quando a criança já está dentro de uma cultura de letramento desde seu nascimento, essa cultura leitora se intensifica ao longo de sua jornada e chegada à instituição de Educação Infantil. Compreendemos então, que o elo família-escola é crucial.

Para que isso seja possível, é imprescindível que todos os educadores percebam as famílias como parceiras, visto que, cada uma delas é o primeiro grupo social do qual a criança participa. Assim, **as famílias podem contribuir com informações e decisões importantes**, colaborando para o planejamento da ação pedagógica (CEARÁ, 2019, p. 162, grifos nossos).

Como é possível, então, auxiliar as famílias, respeitando os aspectos históricos, sociais e culturais em que elas estão inseridas? Neste material digital, trazemos algumas atividades que podem ser desenvolvidas em casa, com os familiares e a criança, considerando a intencionalidade pedagógica do professor responsável pela documentação das ações.

Desse modo, antes de qualquer atividade, é preciso um diálogo aberto e permanente com as famílias, na busca de estratégias acolhedoras e empáticas, tendo a criança como protagonista do processo. A indicação aos pais do livro



lido pelas crianças é importante, para que as atividades sejam relevantes também para eles.

Selecionamos aqui três atividades que podem ser desenvolvidas em casa, com as crianças e as famílias, e devem ser acompanhadas pela instituição de Educação Infantil, na figura dos professores.

ATIVIDADE: UM DIA DE CAMINHADA COM ROUPAS NOVAS

- ▶ No período de trabalho com o livro, combine com a família a possibilidade de levar a criança para caminhar com alguma peça de roupa nova² (de preferência, sapatos).
- ▶ Peça para que os pais promovam a interação da criança com o local, brincando com ela durante o caminho e evidenciando quanto a peça de roupa/calçado ficou bonita na criança.
- ▶ Peça para que os adultos promovam ações diferentes com a criança: desenhar uma amarelinha no chão e pular, andar na grama, andar na areia de um parquinho...
- ▶ Peça para que a família observe a reação da criança: sentiu medo de se sujar? Chorou? Quis se limpar constantemente?
- ▶ Oriente que a família não brigue com a criança caso isso ocorra, pois é uma situação comum a todos.

O foco da atividade é o diálogo familiar e a compreensão dos sentimentos da criança.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar os sentimentos e as ações da criança às de Pete durante a caminhada, considerando o diálogo realizado nas famílias e na escola, com os amigos e os professores.

ATIVIDADE: QUE COR É MAIS GOSTOSA?

- ▶ Peça às famílias que separem frutas coloridas, as que tiverem em casa, e levem as crianças para o quintal ou a área, em um horário tranquilo para a família (sem pressa ou horário fixo), bem como em um ambiente com o clima agradável, ventilado, na sombra, de forma que as crianças se sintam bem.
- ▶ Pode-se orientar para que os familiares separem as frutas por cores e as cortem de modo a facilitar o contato das crianças com o alimento.
- ▶ Peças para que as famílias organizem o local e as frutas na frente das crianças, aguçando a curiosidade delas e a percepção do evento social do qual participarão.

2. Observando a realidade das diversas famílias, pode-se sugerir o uso de roupas/calçados pouco usadas no cotidiano.

- ▶ Quando tudo estiver montado, as famílias devem convidar as crianças para comer as frutinhas, oferecendo uma a uma, mostrando as cores e perguntando de qual sabor, textura, aroma (ou outros aspectos sensoriais) elas mais gostaram.

O foco da atividade é o diálogo familiar e a compreensão dos sentimentos das crianças.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar os sentimentos e as ações das crianças às de Pete, considerando o diálogo realizado nas famílias e na escola, com os amigos e os professores.

ATIVIDADE: BANDA COLORIDA!

Esta atividade permite à família montar uma banda em casa, com a participação de todos e, ao mesmo tempo, brincar com as cores.

- ▶ Peça para os familiares selecionarem panelas e colheres, apitos e, se tiverem, instrumentos musicais.
- ▶ Oriente-os a selecionarem roupas de cores diferentes para cada participante da apresentação musical, por exemplo: a mamãe de azul, o papai de vermelho, a criança de branco, o irmão ou a irmã de marrom...
- ▶ Em seguida, peça para que escolham, juntos, uma música da qual a família goste ou uma cantiga de roda.
- ▶ Estimule a criação de um minipalco em casa, por meio de caixotes, *palets* ou outros materiais.
- ▶ Peça para que convidem outros familiares ou vizinhos para assistir à apresentação.
- ▶ Ressalte que é uma atividade lúdica em que a criança e a família precisam se divertir juntas.

O foco da atividade é o diálogo familiar e a compreensão dos sentimentos da criança.

É possível registrar a atividade por meio de fotografias e vídeos.

É possível relacionar os sentimentos e as ações das crianças às de Pete, considerando o diálogo realizado nas famílias e na escola, com os amigos e os professores.

As atividades propostas aqui são exemplos dentre inúmeros outros que podem ser realizados, tendo em vista outras linguagens que se inter cruzam à leitura, tais como a música/cantigas de roda, a dança, a teatralização... O mais importante é a manutenção e a solidificação dos vínculos familiares, considerando a criança pequena como cerne dos comportamentos e condutas sociais.

VIII — PARA FECHARMOS A RODA COM REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular traz o currículo mínimo a ser desenvolvido nas unidades escolares em território nacional. Ela explicita o arranjo curricular da Educação Infantil e sinaliza conceitos teóricos importantes que fundamentam o trabalho das equipes escolares.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização**/Secretaria de Alfabetização. – Brasília : MEC, SEALF, 2019. 54 p.

Documento normativo que orienta, a nível nacional, conceitos e estratégias para a aquisição da leitura e da escrita na Educação Básica.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Documento Curricular Referencial do Ceará**. Fortaleza: SEDUC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ce.pdf; acesso em: 15 dez. 2020.

O Documento Curricular referencial do Ceará - DCRC é um documento norteador de práticas pedagógicas construído à luz da BNCC, que apresenta como o estado pode e deve avançar nas discussões sobre a primeira etapa da Educação Básica, fortalecendo e qualificando as práticas pedagógicas nas creches, pré-escolas e escolas que ofertam Educação Infantil.

HECK, V. Z. A influência da literatura infantil na resolução de conflitos interiores das crianças. 2008. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=188349; acesso em: 24 out. 2020.

A dissertação de Viviane Zimmermann Heck apresenta um estudo sobre como as crianças são impactadas pelos textos literários, mobilizando suas



habilidades socioemocionais e, dessa forma, aprendendo a construir estratégias para lidar com seus conflitos interiores, como o medo, a alegria, a ansiedade, dentre outros, além de compreender melhor o mundo no qual estão imersas.

MACHADO, M. Z. V. A literatura e os leitores jovens. *Revista na Ponta do Lápis*, n. 17, ano VII. P. 6-11. Agosto, 2011.

O artigo de Maria Zélia Versiani Machado, publicado na *Revista Ponta do Lápis*, na seção Óculos de Leitura, fala sobre a dimensão afetiva da linguagem e o impacto dela na aprendizagem de crianças e jovens, por meio da literatura. O foco do artigo é a formação de leitores como um processo contínuo, iniciado na primeira infância, principalmente nas escolas, e estendendo-se para outras etapas do desenvolvimento humano (que se reflete também nas outras etapas da Educação Básica).

IX — PARA (NÃO) CONCLUIR: LEITURAS COMPLEMENTARES

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

Este livro é a descrição de uma pesquisa realizada na Espanha, e contém informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e juventude. Teresa Colomer produziu uma obra que certamente se tornará um clássico sobre o tema.

DALVI, Maria Amélia; JOVER-FALEIROS, Rita; REZENDE, Neide Luzia de (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

Como pensar as relações entre literatura e escola em tempos como os nossos? É possível (e mais: é desejável) potencializar a literatura na formação de crianças e jovens, pela via educacional? Que mudanças são necessárias? O que sabemos, podemos e queremos em relação às práticas escolares atinentes à literatura? Qual o papel da literatura na educação e, particularmente, na escola? Nas últimas quatro décadas, tem havido intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não) leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua — que, aos poucos, vai se renovando —, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Com o refinamento das novas tecnologias e a adesão dos estudantes a elas, reforçam-se algumas problemáticas a partir das quais se tornou premente reunir neste livro professores e pesquisadores para pensar a respeito de: O que se ensinaria se de fato se “ensinasse literatura”? O que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura, tendo como premissa que, quando dizemos “literatura”, estamos pensando no texto literário e não em outra coisa — como simulacros, resumos, história da literatura, estilos de época, conjunto de obras etc.?

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

Como trabalhar na escola - com inteligência e criatividade - o universo lúdico da literatura infantil? Ao escrever este livro, Maria Alice Faria não caiu na tentação de encarar a literatura como um objeto utilitário, de uso meramente



instrumental. A autora escolheu o caminho menos óbvio e, por consequência, mais desafiador e prazeroso para o professor. A proposta aqui contida não tenciona reduzir a literatura infantil apenas à abordagem pedagógica, mas, além disso, busca capacitar educadores e animadores de leitura para perceber toda a riqueza de detalhes típica dos livros para crianças. É, sobretudo, uma obra que expõe com extrema clareza ideias complexas: Como se estrutura a narrativa para crianças? Qual o papel do texto escrito nessas narrativas? Qual, por sua vez, o papel das ilustrações? Como eles se articulam? Como, enfim, transformar esses elementos básicos em trabalhos práticos, no dia a dia, com alunos das primeiras séries escolares? Um livro que nasceu da permanente inquietação de uma conceituada pesquisadora - mas também ávida leitora - de livros de ficção para crianças e jovens.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira de (orgs.). **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

As criações recentes, de que se ocupa essa publicação (as histórias em quadri-nhos, os livros de imagens, as narrativas curtas e os livros-brinquedo) como que rompem com os limites do livro, valendo-se do cruzamento de códigos vários para contar uma história e promover uma experiência de leitura lúdica às crianças. Nesse sentido, elas quebram os protocolos tradicionais e apontam para outras alternativas de interação entre textos e leitores. De certo modo, há uma recuperação da relação original do ser humano com a arte: novas linguagens que se aliam às palavras são feitas de cores e formas, luzes e sombras, movimentos e balões, alterando o conceito de livro infantil e restaurando a liberdade do contato prazeroso com o objeto estético. Talvez aí residam as razões de terem caído tão bem no gosto do público.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola. Resistência, mediação e formação leitora**. São Paulo: Parábola, 2021.

Os estudos que compõem a função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora pressupõem que uma reflexão sobre o ensino da literatura e a formação do leitor não pode vir desacompanhada da análise dos rumos da sociedade brasileira, examinada em contexto abrangente, vale dizer, internacional. Não por outra razão, “resistência” é palavra-chave no volume que reúne os ensaios de Ana Elisa Ribeiro, Ester Calland de Sousa Rosa, Maria Amélia Dalvi, Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo e Patrícia Corsino. É também palavra de ordem, pois é em nome da luta em favor da presença da literatura em sala de aula e na vida escolar que o livro se organiza.

MORAES, Fabiano; SANTOS, Fábio Cardoso dos. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez; 2014.

Com o objetivo de sugerir práticas de letramento literário para crianças em processo de alfabetização, neste livro, os autores destacam características específicas da literatura infantil (como seus aspectos lúdico e onírico), apresentam a trajetória desse gênero literário, ressaltam a sua importância no processo de tradução de saberes e de reinvenção do mundo e revisitam criticamente clássicos infantis. Também são apresentadas propostas de atividades a partir de versões contemporâneas dos clássicos, de livros que contribuem com a transformação do sujeito e do mundo e de obras da literatura infantil que dialogam com outros gêneros do discurso.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2006

Neste livro de ensaios de Regina Zilberman todos os que estão ligados a livros infantojuvenis (professores, estudantes, pais e autores) encontrarão elementos riquíssimos para redimensionar o papel da literatura infantil nos dias atuais.